



GIL VICENTE

Semanario monarchico-integralista
(Litterario e Noticioso)
Orgão e propriedade da
Junta Municipal de Guimarães
Redac. e Adm.: AVENIDA DO COMERCIO



VISITACÃO
Tardiez! siete arrepolones
Me pegaron a la entrada
Mas yo di una puñada
A uno de los rascones
VAQUEIRO

Diretor:
D. José Ferrão
Adm. e Editor:
Domingos F. Guimarães
Comp. e Imp.: MINERVA RIBEIRO
Rua de Gil Vicente, 34 e 36—GUIMARÃES

UMA CARTA

Recebi, não há muitos dias ainda, uma carta dum amigo, residente naquela Lisboa trágica e insubmissa.

Não é, essa carta, banal, como muitas, que se escrevem para espalhar saudades da ausência, ou para indicar os preços correntes de compra e venda de balata, metendo nas largas algebras de qualquer judeu financeiro e politico, de barriga larga e estomago a abarotar de fartura, muitas centenas de escudos a custa da economia dos pobres e das classes menos favorecidas da sorte.

É uma carta cheia de sentimento e de amor pela terra de Ourique e de Santa Maria. Dita-a um nobre e leal coração de um verdadeiro português de lei, que gallardamente, valentemente, serviu as fileiras do nosso Exército na Flandres; e tanto assim, que pela sua coragem, pela valentia e temeridade postas em holocausto no altar da Raça, foi o primeiro, dentre tantos, a ser condecorado e louvado pelo seu muito grande patriotismo, firmando uma vez mais em terra estranha o valor nunca igualado do indomito soldado português, ilustrando e elevando muito alto o nome bendito do seu e nosso sempre amado e querido Portugal!

Lisboa arde! E, embora pareça que não, é tam pezada e densa a atmosfera, tam negro o horizonte e tam receioso o futuro, que ninguém sabe como acabará aquele formidável incendio, cujo clarão imenso ilumina já, dantescamente, as montanhas e os casais, as cidades e os palácios! Há qualquer coisa de impressionante que nos preenhe todo o tempo em atenção. É uma cidade pressentindo uma lava que quer procurar queimá-la, ou o estalar dumas algemas que partirão. O que será?...

• Dificil resposta se encontra nesta bifurcação dum momento que avança e por uma das portas sairá.

• Ninguém tem illusões e todos sentem esse instante prestes. Que Deus nos Guarde em bom caminho neste mare magnum que se levanta.

.....
Não há, jágora, quem seja capaz de extingui-lo, tantas e tam graves são as ameaças de derrocada fatal, que ninguém se atreverá sequer a procurar onde o vulcão ruga, nem onde acaba. Funestas consequencias, horas amarissimas aguarda Lisboa—a cidade do Vicio e do Luxo, do Prazer e da Lamentação.

A politica dos homens endinheirados desta «virgem prostituida do corpo e alma», feita do lodo da propaganda, alimentada a polvora e sangue sobre montões de cadáveres, é—que me importa a mim a miseravel e pequenina ameaça da cadeia se quero viver tranquillo com a consciencia do bem cumprido! —perniciosa, nesta hora solene e grave, para o futuro da Terra Portuguesa.

• A indisciplina é a ordem do dia: campeia á vontade, e á vontade deixam que ela se desenvolva mais e mais até se tornar soberana dominadora das almas e das consciencias.

Minha pobre Pátria!

• Que Destino estarão reservando para Ti os homens maus que a cegueira republicana não deixa ver claramente a derrocada da hora final?

• D'sditosa Pátria que tam ruins filhos tens!

Ensina-me a Razer que quero morrer melhor...

• O' minha Provincia do Minho! Não te deixes queimar naquele feio e horrendo incendio cujas labaredas começam a querer devorar o azul d'ouro do teu formoso céu de Portugal! Desperta! Ora e combate!

• Povo do Minho! Arma-te e defende-te! Exigem-no o teu lar e as tuas mulheres. Guarda as tuas terras da moderna mouraria, os bens dos piratas.

Não deixes calcar as flores dos teus canteiros, nem incendiar as tuas eiras, nem blasfemar dos Cruzeiros dos teus caminhos, nem cuspir nos Altares dos humildes presbitérios!

• Minha linda e crente provincia do Minho! Sê forte para a peleja!

Creio em ti, todos em ti confiam: nas tuas virtudes, no teu grande amor á Pátria. • Minho, coração bendito de Portugal! Nunca te disseram que tinhas de pegar em armas embora tenham invocado, algumas vezes, —religiosamente, amorosamente,—o teu nome de velho lutador! Escuta a voz dos Túmulos: Num Amanhã muito próximo deves acudir a Lisboa, atravessando vilas e cidades, expulsando os vendilhões, fazendo uma Cidade-Nova com o esforço do teu Corpo abraçado até ás entranhas da Terra, cimentá-la com o sangue do teu Sacrificio, ungi-la com as tuas Orações expurgando o Mal que se antepõe ao Bem Nacional—a Restauração da velha Monarquia Portuguesa!

E quando esse dia chegar cantarão—aléluias!—as almas, serão mais belas as flores em seus altares, mais faustos os campos, mais lindo o luar, os homens tornar-se-hão irmãos, e a Paz será como um Hino de louvor e de triunfo acompanhando o operário ao Trabalho, o lavrador ao aranho das suas Terras!

Deus fará baixar o Seu perdão sobre o novo Reino de Portugal Restaurado!

Domingos RIBEIRO.

PELA NOSSA TERRA

O «Diario de Noticias», de domingo, publicava em lugar do maior destaque o seguinte:

O Castelo de Guimarães

LIVRE DE PERIGOS

Aos esforços do «Diario de Noticias» se deve esse beneficio ao glorioso monumento

O nosso director acaba de receber a seguinte carta:

• Meu illustre e prezadissimo amigo:—Ha dois anos, sendo Ministro da Guerra o sr. coronel Freitas Soares, publiquei eu no «Diario de Noticias» um artigo, no qual chamava a atençao daquelle sr. para o lastimavel caso de se encontrar instalado dentro do castelo de Guimarães (monumento com cerca de mil anos de existencia) o paiol de polvora que fornecia o regimento de infantaria 20.

Depois da publicação do meu artigo, como se dá o caso de viver longe de Guimarães, nunca mais tive noticias acerca dos efeitos da minha reclamação.

Porém, ha cerca de oito dias, quando de novo visitava aquele monumento, ouvi dizer ao gordo José Custodio—um homem que heroicamente guarda o castelo de Guimarães por seis vintens diarios—nada menos que o seguinte:

—Lá está o «bicho»!...—e apontava um casinhoto de pedra, proximo da torre de menagem.—O paiol!... Exclama! Um mês depois de o sr. reclamar no «Diario de Noticias»... vi ram buscar a polvora e cartuxame... e foi uma vez uma ameaça de destruição!

Ignorava-o, como disse. Por isso mesmo é esta a altura de agradecer ao sr. coronel Freitas Soares, em nome da minha terra natal e de todos quantos amam e respeitam os monumentos portugueses, o grande, nobre serviço que lhes prestou.

Bem haja.

E V... meu illustre amigo, bem haja tambem pelo serviço que o seu tão util «Diario de Noticias» acaba de fazer a Guimarães e a quem é

De V... etc,

Alfredo Guimarães.



VIDA DO CAMPO

Amo o campo e o ocer do lavrador,
—Viver ingenuo e simples, todo em graça!—
Bendita sejas sempre, oh minha Raça,
Por teres pelo campo tanto amor!...

Ali, a vida é santa: cheira a olór!
1.º de oiro o Sol,—dum oiro que não baça...
A Natureza até não é devassa,
Mas, sim, brilha de viço e de primor!

• Como é risonho o campo,—a minh' Aldeia!—
Pelos noites de branca lua-cheia
Ou do Sol aos fulgores ideais!...

—No campo a terra é mãe do pobresinho:
Ela socorre-o, dá-lhe pão e vinho,
E ao lavrador fartura até demais!

Ruy Galvão de Carvalho.

(Do livro em prep. «A MINHALDEIA—Terra feliz: em volta da lareira».)

Vê-se que, apesar de distante, o illustre vimaranense continua a velar pelos monumentos históricos e artisticos da sua e nossa querida Guimarães.

E a propósito:

—Quando entram no museu da cidade a cruz gótica de Tagilde e o cáliz românico de Briteiros? Os democraticos de Tagilde já deram licença? O cáliz de S. Salvador ainda lá estará?

Alfredo Guimarães, não os largue, volte á carga! A sua terra lho agradecerá.

A miseria...

São constantes os queixumes de revolta contra a vida cara. Os pobres são victimas da ganancia desenfreada dos miseráveis que aparentando de «bons» servem-se melhor do seu cinismo para cravar mais dolorosamente as garras sobre os desgraçados que lhes caíam em «graça»...

Nada escapa á furia dos bandidos que de tudo fazem dinheiro até da própria honra que vendem ao balcão da politica e da finança.

O numero de agiotas é infinito. Andam por toda a parte. Por toda a parte semeiam a desconfiança e o terror, a miseria e a fome. É a pilhagem á terra e ás algebras.

Dura isto ha muitos anos. O povo tem a pele elastica... e a Finança e o Alto Comercio, de mãos dadas com o regime, continuam a bafiar sobre o Galvário da Pátria.

Pela disciplina

A disciplina é sempre a base da ordem. E consequentemente, o respeito ás determinações dos superiores hierarquicos constitue a mais bela prova de dedicacão e amor, nobilitando todos aqueles que se lhe submettem. Porém, a violencia e o não acatamento constituem o maior defeito moral que ultimamente tanto e tanto se tem feito sentir na sociedade.

É isto o que nós temos a declarar, a bem da verdade, em presenca dos factos ultimamente ocorridos com o paroco de Creixomil. Estamos ao lado do rev. Arcipreste e lavramos o nosso protesto, como catholicos e como vimaranenses, contra as violencias que se pretendiam praticar.

O sr. Costa na Serra

O sr. Afonso Costa está em Portugal. Os ares da Serra fazem-lhe bem. Come melhor e descança mais. Em Pariz não passa mais mal. Mas tem o trabalho do jogo da finança a preocupá-lo.

Ainda ha quem o julgue capaz de o ver de novo a mandar no Terreiro do Paço. Não acreditamos. Os ares de Lisboa podem fazê-lo «limpar» desta para melhor e sua ex.ª não está para aturar «isto» que lhe paga generosamente as suas ordens, com toda a estima e consideracão, muito obrigado...

—Saude... e fraternidade na Serra, tantos de tal, em Pariz brevemente, onde continuará servindo, com toda a liberalidade e isençao, os seus interesses mais em particular.

"Ontem e Hoje,"

A MARGEM DA VIDA DE LUÍS DE CAMÕES

(Continuando do número 32)

E' opinião corrente que quando Camões partiu para a Índia já levava em mira a composição dos Lusíadas tendo, portanto, esta viagem grande importância e utilidade pois que pôde ver os mares sulcados e descobrir os portos portugueses, não na viagem até então, e as terras onde se travaram todos esses diversos combates de que os Lusíadas nos fala há ainda quem diga que foi a leitura da primeira década de João de Barros que contribuiu para que Camões escrevesse essa grande epopeia que todo o português que ama e preza a sua Patria tem obrigação de conhecer, pelo menos de nome. E assim, se o amor consagrado a Natércia fôra a causa de todas as suas desgraças, a verdade é que ele também contribuiu duma maneira poderosa para o seu engrandecimento, para revelação da profunda fecundidade do seu espirito. Não foi acaso o amor que o forcara a abandonar Lisboa e a partir para a Africa como soldado? Não foi o amor que o levou á Índia onde pôde adquirir dados importantíssimos para a elaboração da sua obra que é de todos nós porque pertence á Patria? Não foi o amor que o arrastou á prisão onde pôde ler e leu as decadas de João de Barros referentes á historia da Índia? Não foi a leitura da primeira dessas decadas que levou Camões á composição dos Lusíadas? Ah!... sem duvida que foi!...

A todas estas perguntas temos que responder afirmativamente. Se o amor o fez sofrer as agruras da prisão e do exilio, foi esse mesmo amor — o amor sofrimento, o amor engrandecimento — que o levou á composição da Epopeia dos Lusíadas, o canto do Gine, a Epopeia duma Raça. Foi o amor que fez com que Camões legasse á sua Patria esse assombroso monumento literario que é o orgulho da Patria Portuguesa.

Passados alguns annos encontrava-se Camões em Macau onde escreveu a maior parte dos Lusíadas e onde exercia o cargo de Provedor Mor dos defuntos e ausentes, cargo que tinha por fim receber as heranças. Tendo sido acusado de roubar a Fazenda Nacional foi chamado a Góa. De tanta infelicidade era dotado Camões que o vapor onde embarcou para ir a Góa defendeu a sua honra e a sua dignidade, pois que lançavam sobre elle e elle a mais infame das acusações, naufragou perto da foz do rio Mecou na costa do Cambodja. Passados cerca de quinze a dezoito annos de desterro, Camões volta de novo á sua Patria, arrastado pela saudade, como que fugindo ás perseguições dos seus inimigos e procurando no seu Querido Portugal um recanto, um recanto, embora pequeno, onde pudesse viver serenamente, viver com a Patria que nunca esqueceu!... Enganou-se; pois que tendo vindo na mais extrema das misérias e encontrando-se doente, isto, é esperando pelo ultimo momento da sua vida elle teve uma só pessoa que o bem — tratasse e o consolasse: — um pretol. E' certo que para Camões a vida, o turbilhão de todas as suas desditas, já nada valia!... A sua amada, a sua Natércia — o simbolo das suas desgraças — havia morrido; elle queria morrer também, caminhando até junto daquela que tanto o fizera sofrer!... E enquanto a fome e a miséria batiam á porta da Cantor das glórias Nacionais, numa

côrte cheia de pompa e luxo viviam as mediocridades, as nulidades literarias do seu tempo sem que nada lhes faltasse!... A frente dessa pleiade desvalorizada figura, como chefe supremo, Pero de Andrade Gaminha, o inimigo irreductivel de Camões, que contra elle lançou os maiores e mais descabidos insultos. Quando da jornada de Alcacer-Quibir D. Sebastião quiz levar consigo, segundo o costume da época, um poeta de valor, dotado de inspiração e elevada para poder descrever e cantar os episodios mais importantes dessa jornada tão infeliz. Nem por isso Camões foi o preferido, embora se encontrasse em Lisboa na companhia de um prelo, de um selvagem que de porta em porta estendia a mão a caridade, mendigando uma esmola — que todos lhe negavam!... — para apagar a fome ao seu amo a quem tanto queria e que era por todos os portugueses lançado ao abandono e ao desprezo.

Bento Caldas.

(Continua.)

Integralismo Lusitano

«O NOVO PRINCIPE»

Capitulo I.

Refutação de huma evasiva dos philantropos.

Porém, já estou ouvindo o discurso com que os philantropos do dia procurão illudir a evidencia dos principios estabelecidos no capitulo antecedente, depois de terem perdido as esperanças de escapar-lhe.

«Divina liberdade! (exclamação). Presente irrevogavel da Natureza! Tu és e não podes deixar de ser a origem de toda a felicidade humana; mas por isso que não podes deixar de o ser, he que malevolos te caluniam.»

«O espirito de servilismo compraz-se em fazer pomposas enumerações dos abusos que podem fazer-se da liberdade; como se não fosse cousa trilhada que o abuso dos mais poderosos remedios os muda nos mais terribes venenos; mas, quando cuida que tem desacreditado a liberdade, desacreditou só a licença que nós somos os primeiros a condemnar. A unica liberdade que nós defendemos e queremos, he a de fazer tudo o que a lei não prohibe.»

«Vê-se que a philantropia d'agora não he como a caridade christã. O espirito de caridade, que he todo de abnegação, inspira o abandono das proprias opiniões; o espirito de philantropia, que todo he egoismo, exige o sacrificio das alheias com vistas na propria utilidade; e como não ha cousa de que os philantropos tenham tirado tanto proveito, como dos seus principios e idéas acerca da liberdade, porque por elles medrão, e por elles são o que são, por isso he que resolvidos a sustenta-los a todo o custo e em todo o transe, já que não podem destruir as objecções que lhes fazem, contentão-se de sofismas. Inutil he indagar se o discurso dos philantropos he feito de boa fé: bastará fazer ver que tudo nelle se reduz a huma simples amassilho de maravilhas, e passo a demonstrar-lo.»

Já no capitulo antecedente se disse que liberdade, no sentido rigoroso da expressão, não he senão a facilidade que cada homem tem de pôr em execução todas as suas vontades. Se virtude e sabedoria fossem condições essenciaes da natureza humana, nenhum inconviniente haveria em deixar a cada homem o exercicio absoluto e pleno da sua liberdade toda inteira; mas desde que a sociedade se compõe de tão grande numero de ignorantes e

de perversos, por força grande numero das acções delles hão de produzir na mesma sociedade grave transtorno, e talvez mesmo arruinar a sua existencia, ou, pelo menos, a sua felicidade; porque para estes não pôde haver outra liberdade que não seja licença nem outro uso da liberdade que não seja real e verdadeiro abuso.

Logo supposto, não há senão duas maneiras imaginaveis de evitar este mal: ou obrando sobre o espirito ignorante, e sobre o coração do perverso, por meio de algum segredo que dê ao primeiro o entendimento que não tem, e ao segundo a virtude que lhe falta; ou obrando sobre as acções de hum e outro por tal modo que deixem de ser o que são para que comecem a ser o que devem. Se os philantropos possuem o segredo de que se trata, desde já lhes concedo ganho da causa, e de muito boa vontade, mas o seu grande, posto que grosseiro e miseravel engano, consiste em supôr que se pôde obrar com tanta facilidade sobre o espirito e sobre o coração do homem como sobre as suas acções. He facil, ou pelo menos, possivel fazer que as acções do estúpido ou do perverso sejam antes estas que outras; porém não he possivel nem facil fazer que o estúpido se convença daquillo que não entende, ou que o perverso deseje o que não quer.

Para onde vamos?...

Luta com enormes dificuldades o comercio com a falta de numerario. Por sua vez, a industria tambem sofre do mesmo mal consequente da crise commercial pois são ás centenas as casas que suspendem os seus pagamentos, chegando-se mesmo a dizer que, a continuar assim, será a ruína certa e inevitavel da maior parte das pequenas industrias.

Esta situação mantém-se ha bastantes dias com grave prejuizo para todos, mas muito principalmente para as classes operarias que são as primeiras a sofrer as consequências de tam duro momento.

E para que a situação seja mais grave ainda, a vida continua insuportavel, cada vez mais cara, não havendo dinheiro que satisfaça as necessidades da vida caseira.

... Onde iremos parar?

Ministro do Comercio

Esteve em Guimarães, na ultima sexta-feira, em visita official á Exposição Industrial e Agricola Concelhia, Sua Ex.^a o Sr. Ministro do Comercio, que era acompanhado dos srs. Director Geral dos Correios e Telegrafos e engenheiro da Repartição Hidraulica.

Eram 16 horas quando chegou a esta cidade, em comboio especial organizado na Trofa, sendo-lhe apresentados cumprimentos de recepção pelo elemento civil e militar, vindo-se ali tambem o functionalismo largamente representado, pessoas de posição social, etc.

Na estação do Caminho de Ferro, que se encontrava embandeirada, tocaram, durante a recepção, as bandas de infantaria 20 e dos Bombeiros Voluntarios.

No fim dos cumprimentos, dirigiram-se Sua Ex.^a e a Comitiva, em automoveis, para a Camara Municipal, discursando os srs. presidente da Camara e Ministro do Comercio.

Em seguida, Sua Ex.^a visitou,

acompanhado dos srs. vereadores e da illustre direcção da Associação Commercial, a Exposição.

Demorada e attentosamente o Sr. Ministro do Comercio admirou os productos expostos, sendo cativantes as impressões por Sua Ex.^a manifestadas a cada instante ao contemplar a maravilha dos «stands» caprichosos e artisticos. Durou a visita cerca de 2 horas, no fim da qual se dirigiu para a repartição geral dos nossos correios, sendo muito apreciada por o Sr. Ministro, que prometeu visitar, como é de toda a justiça, a nossa terra com um novo edificio para a Estação dos Correios e Telegrafos, para o qual tem ja organizada a respectiva planta.

Trá desta? A vêr vamos...

A noite foi-lhe oferecido um banquete nos Paços do Concelho, tocando no largo fronteiro a B. dos Bombeiros Voluntarios.

Sua Ex.^a veio encerrar solenemente a Exposição Industrial e Agricola Concelhia.

'Gil Vicente,'

Já enviamos para o correio os recibos respeitantes ao primeiro semestre do nosso jornal.

E-peramos, pois, de todos os nossos amigos e presados assinantes o seu pagamento, tanto mais que está vencida já a assinatura, pois terminou com o numero 26.

Ninguem ignora já h-je as inumeras e sempre crescentes dificuldades dum jornal de provincia principalmente nas condições do «Gil Vicente», que não defende clientelas politicas, nem fez o jogo da Fmancia.

O nosso jornal vive exclusivamente da dedicação dos seus amigos e dos seus assinantes. Assim, renovando o nosso pedido, e-peramos dever a todos a fineza do pronto pagamento dos seus recibos, evitando-nos novas despesas com a mesma cobrança.

Escola Industrial

Desde ontem a 20 do corrente, achá-se aberta a matricula nas diversas disciplinas da Escola Industrial Francisco de Holanda, podendo os interessads fazer a sua inscrição na secretaria da mesma Escola, todos os dias, do meio dia ás 3 da tarde.

Durante o mesmo periodo estarão em exposição os trabalhos executados pelos alunos do ano findo.

"Scouts," Catholicos

Está constituída nesta cidade a comissão organisa-dora do corpo de escoteiros catholicos, que é constituída pelo rev.^{mo} Arcipreste, padres Manoel de Freitas Junior e Antonio Ribeiro, capitão Duarte Fraga, dr. Marcelino Fernandes, Manoel Alves de Oliveira, Eugenio Vaz Vieira e Avelino de Araújo Dantas.

A inscrição achá-se aberta na secretaria da Juventude Catolica.

Casamentos

Realizou-se há dias no Porto o consorcio do nosso amigo sr. Manoel de Sousa Guise, conceituado empregado n'quela praça, filho do sr. Francisco Raimundo de Sousa Guise, com a ex.^{ma} sr.^a D. Milla Leite de Castro, filha da sr.^a D. Rosa de Castro Rebelo.

Ao acto assistiram apenas pessoas de familia.

Após o mesmo, seguiram os noivos para o Bussaco a passar a lua de mel.

Mil venturas e felicidades.

Tambem se efectuou há dias o casamento da ex.^{ma} sr.^a D. Margarida Helena Cardoso de Menezes, gentilissima filha da ex.^{ma} sr.^a D. Helena de Souto Maior Felgueiras e do sr. João Cardoso Martins de Menezes (Margaride), com o sr. Visconde de Pindela, filho dos Viscondes do mesmo titulo, já falecidos.

Paraninfaram: por parte da noiva as senhoras Condessas da Vila Real e de Arnoso; do noivo seu tio o sr. Conde da Vila Real e seu primo o sr. Conde de Mangualde.

A cerimonia assistiram apenas pessoas intimas das duas distintas familias.

Os noivos seguiram para a linda estancia de Santa Luzia, onde foram passar a lua de mel.

O «Gil Vicente» apresenta aos illustres nubentes sinceras felicitações, desejando-lhes perenes venturas e que Deus cubra de bençãos o novo lar.



CARTILHA MONARQUICA

CARTILHA DO OPERARIO

PREÇO DE CADA 500 REIS

Pedidos á administração do nosso jornal

Ex.^{mo} Sr.,